

O LOGOCENTRISMO DA REPRESENTAÇÃO DO MUNDO

LOGOCENTRISM REPRESENTATION OF THE WORLD

LUANA PAIXÃO DANTAS DO ROSÁRIO¹

RESUMO: O presente trabalho investiga o logocentrismo da representação do mundo. Seu objetivo é o de evidenciar aspectos deste problema por meio da contraposição do pensamento de Schopenhauer, Michel Foucault e Fernando Belo. Será traçado um breve esboço histórico, a partir da perspectiva de Inês Lacerda Araújo. O tipo de pesquisa é exploratório, pois visa obter maiores informações sobre o assunto através do levantamento bibliográfico. Quanto ao método, em sentido estrito, o presente artigo se filia à ao Pluralismo metodológico de Feyerabend, de modo que haverá inferências predominantemente dedutivas e, por vezes, dialéticas.

Palavras-Chave: Logocentrismo, Representação, Signos.

ABSTRACT: This paper investigates the logocentrism of the representation of the world. Your goal is to highlight aspects of this issue by contrast the thought of Schopenhauer, Michel Foucault and Fernando Belo. A brief history will be traced, from the perspective of Inês Araújo Lacerda. The type of research is exploratory, it aims to get more information on the subject by raising bibliographic. The method in the strict sense, this article joins the Feyerabend's methodological pluralism, so that there will be inferences predominantly deductive, and often dialectical.

Key words: Logocentrism, Representation, Signs.

Sumário: 1 Introdução – 2 O logocentrismo do mundo – 3 A linguagem como representação do objeto – 4 O mundo como representação do sujeito: Schopenhauer – 5 O signo como elemento de representação: Foucault – 6 O quadro epistêmico ou a clausura da representação – 7 Considerações Finais – Referências.

¹Doutoranda e Mestre em Direito Público pela Universidade Federal da Bahia, ênfase em Direito Constitucional, linha de Pesquisa Cidadania e Efetividade dos Direitos. Especialista em Direito do Estado pela UNYAHNA/JusPodivm. Professora de Direito Constitucional, Filosofia Jurídica e Hermenêutica Jurídica. Coordenadora da Pesquisa e Extensão do Curso de Direito da FTC Salvador. Professora visitante nos Cursos de Especialização da Fundação Faculdade de Direito da Bahia (UFBA) e Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Membro de Grupos de Pesquisa. Possui Artigos publicados em periódicos e anais de Congressos. Advogada inscrita na OAB/BA.

1 INTRODUÇÃO

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus." (João 1:1-3).

A questão da identidade entre a linguagem e a realidade é discussão constante da filosofia da linguagem, desde a Filosofia do *logos* grego. Saber se a linguagem representa a realidade; de modo verdadeiro ou convencional; neste último caso, constituindo-a. Abordar-se-á um breve esboço histórico da relação linguagem/mundo, a partir da perspectiva de Inês Lacerda Araújo, visto que não há espaço, neste trabalho, para incursões em vários autores, em tema tão vasto na literatura especializada.

A discussão acerca da correspondência linguagem/realidade leva a ponderações acerca da relação sujeito e objeto, suas inter-relações e a refletir sobre a própria representação da realidade. Neste aspecto, serão fundamentais as contribuições teóricas dadas por Schopenhauer, Michel Foucault e Fernando Belo, estudados ao longo da disciplina Filosofia Jurídica do Curso de Doutorado em Direito da Universidade Federal da Bahia, no semestre de 2011.2.

Este trabalho se propõe a analisar o efeito da filosofia de Schopenhauer na clássica representação logocêntrica do mundo. Saliente-se que não tem a pretensão de esgotar o tema, tão complexo na história da filosofia da linguagem. Seu modesto objetivo é o de evidenciar aspectos deste problema, por meio da contraposição do pensamento de alguns autores, que possam servir de base a um aprofundamento posterior no assunto. Portanto, o tipo de pesquisa é exploratório e se utilizou de levantamento bibliográfico. Quanto ao método, em sentido estrito, este trabalho se filia à ao pluralismo metodológico de Feyerabend, de modo que haverão inferências predominantemente dedutivas e, por vezes, dialéticas.

2 O LOGOCENTRISMO DO MUNDO

As questões acerca da Filosofia da linguagem são deveras importantes porque a linguagem permeia as construções teóricas ou práticas, científicas ou poéticas, realizadas pelo homem², permeia seu próprio *estar no mundo*, para se utilizar uma expressão heideggeriana³. Não obstante, esclarecer a relação que linguagem estabelece entre o homem e o mundo se mostrou um desafio que tem dividido os teóricos.

Parece haver certo consenso de que o homem, por meio da linguagem, nomeia as coisas e as enuncia aos outros; ou a si mesmo, visto que o pensamento pode ser entendido como 'linguagem consigo mesmo' - expressão platônica utilizado no Crátilo.

²Onde se escreve homem, ao longo de todo o trabalho, entenda-se homem e mulher.

³Mais detalhes, consultar HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 14. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

Entretanto, definir se a relação entre os nomes e as coisas que os mesmos designam é natural ou convencional, desde aquela obra até a atualidade, suscita debates. O fato é que a enunciação e compreensão das coisas do mundo pelo homem perpassam pela linguagem. De modo que esta, de certa forma, cria o mundo para o homem. Ou o homem cria o mundo por meio dela?

Na Grécia antiga, Antístenes, discípulo de Sócrates e fundador da filosofia cínica, definira a Linguagem como "aquilo que manifesta o que era ou é". Seu ponto de vista é expresso por Crátilo, no diálogo homônimo de Platão: "As coisas têm nomes por natureza e artifício de nomes não é quaisquer um, mas só quem olha para o nome que por natureza é próprio de cada coisa e que é capaz de expressar sua espécie em letras e sílabas" (ABAGNANO, 1998, p. 632).

Da própria análise etimológica do termo linguagem se extrai a sua função ontológica de enunciar o que o mundo é. *Logos*, de onde vem linguagem, seria o princípio ou força responsável pela regência do mundo. É o termo grego que significa, ao mesmo tempo, razão e discurso. De modo que a linguagem sempre fora associada à razão. Portanto, a enunciação do mundo pela linguagem também. Trata-se do homem racional que apreende o que há de racional no mundo, conforme a ordem que coordena o *cosmos*. Estabelece-se, desta maneira, o logocentrismo do mundo.

A linguagem nomeia as coisas do mundo, ao fazer isso, as enuncia e rege, as traz à presença do sujeito, conforme sua força. No dicionário de filosofia de Abagnano, encontra-se a seguinte definição:

LOGOS: (gr. *ΛΟΓΟΣ*; lat. *Verbum*).

1. A razão enquanto substância ou causa do mundo; 2. Pessoa divina.

1. A doutrina do *Logos* como *substância* ou *causa* do mundo foi defendida pela primeira vez por Heráclito: (...) O *Logos* é concebido por Heráclito como sendo a *própria lei cósmica*: "Todas as leis humanas alimentam-se de uma só lei divina: porque esta domina tudo o que quer, e basta para tudo e prevalece a tudo" (Fr. 114, Diels). Esta concepção foi tomada pelos estoícos, que viram na razão o "*princípio ativo*" do mundo, que anima, organiza e guia seu princípio passivo, que é a matéria. (ABAGNANO, 1998, p. 644, *grifos nossos*).

Fernando Belo ressalta que definir se há uma identidade entre a linguagem e a realidade foi/é deveras importante para todo o conhecimento ocidental produzido, que se guiou/guia pelo Logocentrismo. O conhecimento ocidental pensou "que o discurso *logos* e/ou pensamento, isto é, a própria voz escutada na intimidade de si, é/são a origem da verdade, esta como adequação do que se diz/pensa à realidade 'exterior'" (BELO, 1993, p.87).

O Logocentrismo é a tradição ocidental que, desde Platão até Hegel, pensou o ser determinado como *logos*, origem, presença, telos. Esta associação, entretanto, da palavra à realidade externa ou à *coisa em si* mostra-se frágil a partir dos estudos de Schopenhauer, como se verá adiante. Bem como a compreensão racional de homem.

Segundo Araújo (2001), a linguagem é provavelmente a marca mais notória da cultura. As trocas simbólicas permitem a comunicação, geram relações sociais, mantêm ou interrompem essas relações, possibilitam o pensamento abstrato e os conceitos.

Pensamento é sempre pensamento acerca de alguma coisa e, por isso mesmo, consiste de linguagem, que não é um mero sucedâneo do pensamento. É na e pela linguagem que se pode não somente expressar idéias e conceitos, mas significar como um comportamento a ser compreendido, isto é, como comportamento que provoca relações e reações (ARAÚJO, 2001, p. 9).

Belo afirma que a relação entre a linguagem e o mundo, essencialmente, diz respeito a como o homem conhece as coisas, em si ou em fenômeno. “Como se ao movimento que separa o nome do discurso correspondesse o movimento que separa o ente (e o ser) da phisys” (BELO, 1993, p. 15).

Foucault (1993) se vale do mito bíblico da torre de Babel, para demonstrar a atenção e justificação que fora dada à relação entre a linguagem e o mundo. Segundo este mito, quando fora dada aos homens pelo próprio Deus, a linguagem era o signo das coisas absolutamente certo e transparente, porque se lhes assemelhava. Os nomes eram depositados sobre aquilo que designavam. Havia, portanto, uma única língua⁴ no mundo, que se identificava com as coisas que nomeava. “Em toda a Terra, havia somente uma língua, e empregavam-se as mesmas palavras” (Gênesis, 11:1-9). Entretanto, essa transparência fora destruída em Babel, por Deus, para punição dos homens. Deus criara diversas línguas e destruíra, assim, a correlação única entre a palavra e a coisa designada.

Fernando Belo adverte que não é possível separar o discurso daquilo que ele fala. “Se alguma coisa caracteriza a linguagem é justamente a sua relação intrínseca com o que chamamos realidade” (BELO, 1993, p. 17). Nesta perspectiva, assume relevo a relação entre o sujeito pensante e a realidade pensada. De modo que a correspondência entre linguagem e realidade pode significar a fidedignidade do discurso - pressupondo-se que esta exista. Entretanto, há que se averiguar se essa realidade existe ôntica e externamente ao sujeito. Neste sentido, Schopenhauer irá apresentar o 'mundo como vontade e representação' do sujeito.

3 A LINGUAGEM COMO REPRESENTAÇÃO DO OBJETO

A questão de saber se a enunciação do mundo feita pela linguagem o declara, conforme a força regente do *logos*, ou o constitui arbitrariamente, é profícua. Acerca da relação existente entre a linguagem e a representação ou significação do mundo, Araújo destaca os estóicos, Santo Agostinho e o período medieval, como referências

⁴A questão de saber se há uma única língua ancestral e autêntica divide os lingüistas. O fato de que diversas línguas possuem antepassados comuns talvez aponte na direção de uma única língua ancestral.

com as quais o pensamento contemporâneo teria rompido (ARAÚJO, 2001).

Segundo a autora, os estóicos, embora precedidos por Platão e Aristóteles, elaboraram uma teoria relativamente bem acabada acerca da linguagem. Abordaram conceitos de significado, signo e coisa sem confundir signo com a ocorrência real à qual se refere. Já Santo Agostinho contribuiu para a teoria signo/realidade ao entender que a linguagem deve transmitir o pensamento sobre algo. Restringiu, desta maneira, a linguagem à referência. Neste entendimento, conhecer a essência, a realidade, seria mais precioso do que a palavra (ARAÚJO, 2001).

A Idade Média representou um momento significativo para o debate sobre a natureza dos conceitos e das coisas. Neste debate, o conceito dos universais (conceito metafísico, idéia ou essência comum a todas as coisas que se agrupam sob um mesmo signo lingüístico) e sua relação com a mente gerou a disputa entre realismo, conceitualismo e nominalismo (ARAÚJO, 2001). A autora inclui o pensamento platônico dentre os realistas, no entanto, este trabalho o abordará à parte.

Os universais são, na tradição do platonismo, entidades com realidade ontológica independente da mente que os pensa, representam a verdadeira realidade. (...) Os universais são abstrações mentais, conceitos abstratos acerca das coisas individuais e concretas (ARAÚJO, 2001, p. 12).

Para Platão, o real deve possuir os atributos de universalidade, unidade e imutabilidade, que são encontrados nas representações do intelecto. E como o mundo sensível contém apenas o contingente, o particular, o instável, segue-se que o real existe fora e acima do mundo sensível, no mundo das idéias. Aí estariam os universais. Este idealismo platônico, em filosofia da linguagem, por vezes é denominado de realismo exagerado de Platão, por investir o real com os atributos do ser no pensamento. Entretanto, é de se estranhar que o idealismo possa se chamado de realismo exagerado. Michael Loux (1998) define: “o platonismo defende um enquadramento ontológico em que coisas como propriedades, gêneros, relações, proposições, conjuntos e estados de coisas são tomados como primitivas e irredutíveis” (LOUX, 1998).

Loux assevera que o realismo é fundado por Aristóteles, para quem o real é a realidade sensível, não o mundo ideal. O universal não é uma coisa em si, imanente aos indivíduos. A universalidade dos conceitos é um produto da apreciação subjetiva do homem, ou seja, os conceitos universais representam realidades que não são universais (LOUX, 1998).

Entre as duas vertentes se localiza o conceitualismo, para o qual, os universais são apenas conteúdos da mente. O conceitualismo, entretanto, não define se estes conceitos são somente inteligíveis ou representações do intelecto que as deriva das coisas (*universalia post rem*) e dessas guarda alguma semelhança.

Seja como for, a mais contundente oposição ao platonismo e realismo vem do nominalismo. Este nega a existência de entidades abstratas, admitidas por aqueles.

Para Nominalistas, a exemplo de Abelardo e Ockham, tudo o que existe é particular e o discurso sobre os universais seria metalingüístico, apenas uma discussão sobre *nomina* ou expressões lingüísticas. Enquanto o conceitualista insiste na necessidade de referir a ação de representação conceitual para acomodar o discurso recalitrante, o nominalista nega esta possibilidade (LOUX, 1998).

Araújo adverte que mesmo com essas distinções estabelecidas e o nominalismo incipiente, o papel da linguagem, até o século XIX era exclusivo do *logos*, do raciocínio, da mente, do cogito. Como se de um lado estivessem as idéias e de outro lado o mundo, a realidade a ser captada pelas idéias. Teria vigorado paradigma representacionista, para o qual a pergunta essencial da filosofia clássica é pelo conhecimento, pela relação entre uma exclusiva e soberana razão (culminado nas formas puras *a priori* kantianas) e o mundo, como mostra Foucault em “As palavras e as coisas” (ARAÚJO, 2001, p. 10-16).

Araújo afirma que as primeiras tentativas de romper o paradigma representacionista teriam sido dos empiristas Locke e Hobbes. Para ambos não haveria uma mente ou razão soberana, mas um esforço das idéias e da linguagem para chegar ao conhecimento das coisas. Para John Locke, as palavras, mesmo as abstratas, proviriam da sensação. Entretanto, Locke não se desvencilha, completamente, do conceito de idéia. As palavras teriam sua marca sensível e as idéias dessas marcas. Os vários pensamentos seriam conhecidos quando manifestados por sinais das idéias usados para compreender várias coisas particulares (ARAÚJO, 2001, p.14-15).

Hobbes, distintamente, afirma que os universais não passam de nomes, não correspondem a nenhuma idéia ou conceito que pudesse ter ou tivesse de fato consistência ontológica. O que existiria não seriam as idéias ou os conceitos, mas as coisas nomeadas, individuais e singulares. Verdade e falsidade, portanto, seriam atributos da linguagem e não das coisas (ARAÚJO, 2001, p.16). Deste modo, Hobbes transpõe a fronteira da linguagem como representação do objeto.

Foucault afirma que ainda no século XVI, a linguagem não era um sistema arbitrário; estava depositada no mundo e dele fazia parte. As próprias coisas escondiam e manifestavam seu enigma como linguagem e as palavras se propunham aos homens como coisas a decifrar. Até que, a partir do século XVII, surgiria o problema de como reconhecer que um signo designasse realmente aquilo que ele significava. A esta questão, afirma Foucault, o pensamento clássico respondeu pela análise da representação e o pensamento moderno pela análise do sentido e da significação, ambos insuficientes, segundo o autor (FOUCAULT, 1993).

4 O MUNDO COMO REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO: SCHOPENHAUER

Schopenhauer, apesar de não escrever especificamente sobre linguagem, inova na questão da correspondência entre pensamento e realidade, ao, pioneiramente, afirmar que o mundo existe enquanto representação do sujeito.

[...] nenhuma verdade é, pois, mais certa, mais absoluta, mais evidente do que esta: tudo o que existe, existe para pensamento, isto é, o universo inteiro apenas é objeto em relação a um sujeito, percepção apenas, em relação a um espírito que percebe, numa palavra, é pura representação. [...] O mundo é, pois, representação (SCHOPENHAUER, 2011, p. 07).

Em “O mundo como vontade e representação”, de 1819, o autor demonstra que o mundo, sem a consciência subjetiva que o conhece, não existiria. A coisa em si, kantiana, para Schopenhauer, é inalcançável. Deste modo, Schopenhauer elabora a compreensão da realidade enquanto fenômeno e fixa as bases para o desenvolvimento da fenomenologia que se seguiu a ele.

“O mundo, considerado como representação, compreende duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis. A primeira é o objeto que tem por forma o espaço e o tempo, e, por conseguinte, a pluralidade; a segunda é o sujeito que escapa à dupla lei do tempo e do espaço, sendo sempre uno e indivisível em cada ser que percebe. Segue-se em, um único sujeito, mais o objeto, chegariam para constituir o mundo considerado como representação, tão completamente como os milhões de sujeitos que existem” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 09).

Como se percebe no título da obra, o mundo não é só representação do sujeito, mas é representação do sujeito conforme sua vontade⁵. Compreendida esta como “substância íntima, o núcleo tanto de toda a coisa particular, como do conjunto;” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 146). A vontade manifestar-se-ia na força natural cega, sim, porém encontrada também na conduta racional do homem. Se vontade e razão diferem, é em grau e não em essência.

[...] Toda vontade é a vontade de qualquer coisa; ela tem um objeto, um alvo para o seu esforço: o que é que quer então esta vontade que nos é dada como a essência do mundo em si, e para que é que ela tende? Esta questão, como muitas outras, assenta na confusão entre o ser em si e o fenômeno: o fenômeno está submetido ao princípio de razão de que a lei de causalidade é uma forma; não se passa o mesmo com o ser em si (SCHOPENHAUER, 2011, p. 212).

Schopenhauer, ao colocar o mundo como representação do sujeito destrói a dualidade homem/mundo, sujeito/objeto. Ao criar o conceito de vontade, reabilita em importância 'uma força natural cega' que embora se encontre na conduta racional do homem, dela difere, ao menos em grau. Desta maneira se dilui o primado do *logos* racional

⁵A vontade é o conhecimento *a priori* do corpo. Este, por sua vez, é o conhecimento *a posteriori* da vontade. (SCHOPENHAUER, 2011, p. 134).

sobre o mundo. “O mundo, considerado como representação tanto em seu conjunto como em suas partes é a *objetividade da vontade*. Enquanto a representação é a vontade tornada objeto” (SCHOPENHAUER, 2011, p. 219). Dito numa perspectiva fenomenológica pós schopenhaueriana: “A palavra é o que apela a coisa a vir à presença no discurso, o que faz com que o ente venha ao ser no discurso” (BELO, 1993, p. 17). E como ente, representação e vontade do sujeito, de racionalidade ambígua.

5 O SIGNO COMO ELEMENTO DE REPRESENTAÇÃO: FOUCAULT

Foucault afirma que, embora a questão da identidade entre a linguagem e a realidade tenha ocupado tanto a filosofia, revela-se um erro de abordagem. Para ele, a questão de que o signo possa ser mais ou menos provável, mais ou menos afastado daquilo que significa, que possa ser natural ou arbitrário, não afeta a sua natureza ou seu valor designo. E isto demonstra que a relação do signo com seu conteúdo não é assegurada na ordem das próprias coisas. Para Foucault, a relação do significante como significado é o liame estabelecido entre a idéia de uma coisa; a que representa, e a idéia de outra; a representada (FOUCAULT, 1993). Segundo Foucault:

se a linguagem não mais se assemelha imediatamente às coisas que ela nomeia, não está por isso separada do mundo; continua, sob uma outra forma, a ser o lugar das revelações e a fazer parte do espaço onde a verdade, ao mesmo tempo, se manifesta e se enuncia (FOUCAULT, 1993, p. x).

A grande contribuição de Foucault para o assunto é demonstrar que a representação operada pelo signo se dá não por uma equivalência de significado, mas, por uma relação de semelhança, de analogia. Para ele, “as línguas estão como mundo numa relação mais de analogia que de significação; ou, antes, seu valor de signo e sua função de duplicação se sobrepõem; elas dizem o céu e a terra de que é a imagem” (FOUCAULT, 1993, p. x).

O mundo é coberto de signos que é preciso decifrar, e estes signos, que revelam semelhanças e afinidades, não passam, eles próprios, de formas da similitude. Conhecer será, pois, interpretar: ir da marca visível ao que se diz através dela e, sem ela, permaneceria palavra muda, adormecida nas coisas (FOUCAULT, 1993, p. x).

Para Foucault, a semelhança guia a representação, organiza o jogo dos símbolos, permite o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis. Essas para ser notadas, precisam ser assinaladas. De modo que a grande questão é perceber e decifrar⁶ as assinalações. “Buscar a lei dos signos é descobrir as coisas que são

⁶Para esta decifração é necessário o domínio da hermenêutica e da semiologia. Foucault define a hermenêutica como o conjunto de conhecimentos e de técnicas que permitem fazer, falar os signos e descobrir seu sentido; e a semiologia como o conjunto de conhecimentos e de técnicas que permitem distinguir onde estão os signos, definir o que os institui como signos, conhecer seus liames e as leis de seu encadeamento (FOUCAULT, 1993, p. x).

semelhantes. A gramática dos seres é sua exegese. É a linguagem que eles falam não narra outra coisa senão a sintaxe que os liga” (FOUCAULT, 1993, p. x).

A noção de que representação operada pelo signo se dá não por uma equivalência de significado, mas, por uma relação de semelhança concilia-se com aquela pela qual o sujeito faz do mundo a sua representação num processo além da razão que se quis atrelar ao *logos*.

6 O QUADRO EPISTÊMICO OU A CLAUSURA DA REPRESENTAÇÃO

Se o mundo existe enquanto representação do sujeito (Schopenhauer), que, numa relação fenomenológica (Heidegger), representa o mundo por meio dos signos da linguagem (Foucault), não há que se esquecer que a linguagem não é produto de um único homem. A não ser pelo pensamento, sequer há que se falar em linguagem sem alteridade. Também o homem não o é universal, tal qual em Kant, mas singular e social. De modo que não se pode subtrair de sua relação/representação com o/do mundo, a sua relação com os outros homens.

Neste aspecto, Fernando Belo ressalta que “Cada humano é irredutivelmente social e singular, sem que se possa isolar ou separar estas duas dimensões uma da outra, contra, pois toda a tradição subjetivista e individualista da filosofia européia” (BELO, 1993, p. 36).

De modo que a linguagem é feita de textos produzidos por uma dada sociedade que lhe serve de contexto. Assim, os textos são construídos dentro do que Fernando Belo denomina de Quadro Epistêmico ou Clausura. O Quadro Epistêmico exclui o que lhe é estranho. “Mas o que é excluído, só fica de fora aparentemente, já que esta exclusão ou decisão, feita pelo poder institucional a que o texto se liga, comanda a definição que faz coincidir ser com entes” (BELO, 1993, p. 27).

Por conseqüência, a leitura dos textos pressupõe o conhecimento do contexto (por isso estrangeiro é aquele incapaz de entender os textos e (consoante) os usos comunitários). De modo que todo texto é heterogêneo, decorrente da conflitual cena da vida. E por isso mesmo, ninguém controla, completamente, o texto que emana de si. “Ninguém controla, pois, completamente, o texto que escreve, sabe apenas do 'seu' discurso pelo qual responde. Mas outros poderão sempre ler nesse texto coisas que ele não soube” (BELO, 1993, p.88-89).

O homem já não tem o absoluto controle racional de si, visto que sua personalidade 'em si' já é plural e conflitiva. Ou visto que não há homem 'em si' mas apenas 'entes' da humanidade. O homem-ente que 'está sendo', na sua temporalidade, também tem em suas representações o efeito dos outros.

Esta clausura pode ser compreendida como uma representação social. Segundo Belo, fora abordada de diversas maneiras por autores diversos.

“As alternâncias dos conflitos: destinerrância, disse com felicidade Derrida. Retiro a destinar, já tinha dito Heidegger. Recalcamento e superego, dissera Freud por seu turno. O que me parece incessantemente a meditar: todas as noites somos loucos, essa loucura é condição, quer da nossa identidade, quer da sua metamorfose, face aos inesperados acontecimentos que dos outros nos vêm” (BELO, 1993, p. 92).

Fernando Belo irá associar a ela a impossibilidade de enclausurar qualquer texto, a que chamará, poeticamente, de nossa vinculação aos Mortos, como “a impossibilidade de enclausurar qualquer texto, de o 'explicar' exaustivamente, é o de estilhaçar de qualquer totalidade, o lugar das imensas linhas de fuga, para o futuro como para o passado, que permitem a destinerrância, a liberdade” (BELO, 1993, p. 92 e 93).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisou-se o logocentrismo da representação do mundo. Para tanto, foi abordado o debate acerca da relação entre os nomes e as coisas que os mesmos designam, se natural ou convencional. Visitou-se o clássico princípio grego de que o mundo é regido por um princípio racional que significa, ao mesmo tempo, discurso e razão, o *logos*. E a compreensão correlata de que a linguagem é a própria razão que traria o ser ao conhecimento do sujeito. Nesta concepção, a relação dicotômica entre o homem e a linguagem seria, sobretudo, a relação entre o sujeito pensante e a realidade pensada.

Revisaram-se brevemente as contribuições sobre o tema em diversos períodos históricos. A questão da correlação linguagem/realidade em de Platão e Aristóteles. Os conceitos de signo e significado nos estoicos. A perspectiva referencial de linguagem de Santo Agostinho, para quem a linguagem transmitia o pensamento. O resgate, a partir da Idade Média, da discussão dos universais, pelo realismo, idealismo, conceitualismo e nominalismo, ainda contemporânea.

Ressaltou-se que a discussão do tema esteve por muito tempo apegada à noção de realidade externa, a *coisa em si*, contraposta ao sujeito racional. Que havia uma clara dicotomia entre o sujeito e o objeto da qual a linguagem era médium. Essa concepção logocêntrica da representação do mundo começa a ruir quando Schopenhauer desenvolve a teoria do mundo como vontade e representação do sujeito.

Salientou-se que Schopenhauer desconstrói o primado da racionalidade na representação do mundo. Com conceito de vontade, reabilita em importância 'uma força natural cega' na representação de mundo de cada sujeito e abala o logocentrismo.

Frisou-se que Foucault, por sua vez, demonstrou que apesar da palavra não estar relacionada à ordem ou natureza das coisas, nem por isso está à parte do mundo. Demonstrou que a representação operada pelo signo se dá não por uma equivalência de significado, mas, por uma relação de semelhança, de analogia.

Por fim, estabelece um elo do exposto com o conceito de 'clausura da representação' de Fernando Belo, eis que a linguagem não é dádiva de um só homem, mas, de homens que vivem em sociedades que lhe servem de contexto.

Destarte, conclui-se que, não obstante a antiga tradição logocêntrica ocidental, esta perspectiva é incompleta, pois parte de uma concepção reducionista de homem. Desconsidera que o homem, ser temporal, também expressa em suas representações e sua linguagem a sua parcela de irracionalidade. As relações homem/linguagem/mundo/ são dialéticas. Se for a linguagem que traz o ente ao conhecimento do sujeito, ela não é regida por um princípio exclusivamente racional.

REFERÊNCIAS

ABAGNANO, Nicolas. **Dicionário de Filosofia**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/4776000/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-Abbagnano>

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Linguagem e Realidade: do Signo ao Discurso**. Universidade Federal do Paraná, 2001. Disponível em: http://www.portal.ufpr.br/teses_acervo.html

BIBLIASAGRADA. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/>

BELO, Fernando. **Filosofia e Ciências da Linguagem**. Textos de trabalho. Lisboa: Colibri, 1993.

FEYERABEND, Paul K. **Tratado contra o Método**. TRD. SP: Unesp, 2007

FIGUEIREDO, Antonio; SOUZA, Soraia. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1999. — (Coleção tópicos).

LOUX, Michael J. **Routledge Encyclopedia of Philosophy**, org. Edward Craig (Londres: Routledge, 1998). Trad. Vítor Guerreiro. Disponível em: http://criticanarede.com/met_nominalismo.html

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo Como Vontade e Representação – Livro IV (1788-1860)**. Tradução: Heraldo Barbuy. Edição ACRÓPOLIS. Versão para eBook: eBooksBrasil.com. Fonte Digital: br.egroups.com/group/acropolis/. Copyright: Domínio Público.